

DENISE ROTHENBURG (COM EDUARDA ESPOSITO)
deniserothenburg.df@dabr.com.br

O risco do PL

Com Bolsonaro réu e seu partido dedicado à defesa do principal líder, as agremiações de centro começam a apostar mais em outros nomes. O sentimento, hoje, por exemplo, é que uma federação União Brasil-PP não ficará à mercê do ex-presidente e buscará alternativas.

Por falar em federação...

No segundo dia do Fórum de Segurança Pública do Progressistas, o presidente do partido, senador Ciro Nogueira (PI), elogiou o governador de Goiás, Ronaldo Caiado. “Espero que o Brasil tenha um presidente que faça como Caiado: ou bandido muda de profissão ou muda de país”, disse. Essa fala é uma confirmação da união da federação entre o União Brasil e o Progressistas, oficializada na semana passada.

Para bons entendedores...

Ainda que Ciro diga, dia e noite, que está ao lado de Bolsonaro, os elogios a Caiado foram vistos como um aceno — do tipo “vem que tem jogo”.

A aposta do PT

Enquanto Bolsonaro estiver dedicado ao seu processo, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva cuidará de mostrar as entregas de seu governo. O líder do PT na Câmara, Lindbergh Farias (RJ), calcula que quando o povo perceber que o desemprego caiu e entender a isenção do Imposto de Renda, o governo vai recuperar a popularidade. Para isso, Lindbergh tem feito verdadeiros périplos para explicar as medidas. Foi assim, por exemplo, na Casa ParlaMento, do think-tank Esfera, esta semana.

Missão de Eduardo ganha peso dois

Com o ex-presidente Jair Bolsonaro réu por tentativa de golpe de Estado, a presença do deputado licenciado Eduardo Bolsonaro nos Estados Unidos passa a ter mais importância. Ele, agora, mexerá os pauzinhos em busca de um status de exilado político. Os bolsonaristas ficaram muitos incomodados quando, na solenidade que marcou os 40 anos da redemocratização, o presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), disse que não havia nenhum brasileiro nessa situação. Agora, é ver se ele consegue abrir

o caminho para que outros possam tentar seguir esta trilha, mais à frente, no governo de Donald Trump.

» » » »

Por falar em Trump.../ Os elogios de Trump à biometria que ajuda a evitar fraudes, nas eleições no Brasil, enfraquece o discurso dos bolsonaristas contra o sistema eleitoral daqui. Bolsonaro, porém, continuará insistindo que, sem voto impresso, não há solução.



CURTIDAS

Meu palanque I/ Entrevistas como a de Bolsonaro, ontem, vão se repetir com mais frequência. Muitos avaliam que esse recurso é fundamental para manter a tropa bolsonarista motivada nas redes.

Meu palanque II/ O Senado será, agora, uma espécie de point do ex-presidente, para, desde já, fincar bandeiras em prol do impeachment de ministros do Supremo Tribunal Federal.

Câmara de luto/ O falecimento do prefeito de Belo Horizonte, Fuad Noman (PSD), não foi esquecido na Câmara dos Deputados. O líder da bancada na Casa, Antonio Brito (BA), pediu um minuto de silêncio e informou que a bancada toda estará presente, hoje, no sepultamento, em Belo Horizonte.



Keyo Magalhães/Câmara dos Deputados

Código Brasileiro de Inclusão/ O deputado Duarte Jr. (PSB-MA, foto), presidente da Comissão de Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiência, lança, em 8 de abril, o Código Brasileiro de Inclusão. O CBI vai reunir todas as leis que tratam de temas relacionados às pessoas com deficiência, assim como é o Estatuto da Criança e do Adolescente e o Código de Defesa do Consumidor. Duarte pretende aprovar o CBI até o fim do ano. “É necessário que as pessoas com deficiência possam, facilmente, ler e compreender para poder exigir seus direitos”, disse.

TRAMA GOLPISTA

Sem explicar medidas extremas

Em pronunciamento após tornar-se réu, Bolsonaro ataca, mas não dá razões pelas quais estudou estados de sítio e de defesa

» ISRAEL MEDEIROS
» DANANDRA ROCHA

Declarado réu pelo Supremo Tribunal Federal, com mais sete ex-integrantes do seu governo, o ex-presidente Jair Bolsonaro partiu para o ataque em um pronunciamento, de aproximadamente uma hora, contra o ministro Alexandre de Moraes, o processo eleitoral e o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Em uma das saídas do Senado e cercado por apoiadores, tentou desqualificar o magistrado — disse que o relatório apresentado trouxe acusações “infundadas”; voltou a dizer que as urnas eletrônicas não são confiáveis; e aproveitou a presença da imprensa para criticar o governo do sucessor de se submeter aos interesses da China. Porém, quando começava a explicar por que discutiu, com ex-auxiliares, a hipótese de adotar medidas extremas — como estados de defesa e de sítio —, mudou de assunto.

“Espero botar um ponto final nisso. Parece que tem algo pessoal contra mim. A acusação é muito grave, e são infundadas (sic). E não é da boca para fora”, disse o ex-presidente. Depois de ler, por cerca de cinco minutos, um roteiro de assuntos que pretendia tratar, abandonou-o e desferiu vários ataques — muitos sem comprovação. Negou ter liderado uma trama golpista e, também, que tenha havido tal tentativa.

“Golpe tem povo, mas tem tropa, tem armas e tem liderança. Um ano, dois anos de investigação, não descobriram quem, porventura, seria esse líder”, afirmou. Porém, a Polícia Federal e a Procuradoria-Geral da República (PGR) o apontaram como o chefe da organização criminosa que planejou a ruptura democrática

e culminou nas depredações das sedes dos Três Poderes, em 8 de janeiro de 2023.

“Pelo amor de Deus. Eu sou golpista? Em 8 de janeiro estava nos Estados Unidos. Uma das cinco acusações contra mim é destruição de patrimônio. Só se for por telepatia. Fizem pesca probatória, reviraram a vida de todo mundo, três buscas e apreensão em casa. Não acharam nada a meu respeito. O próprio (tenente-coronel Mauro) Cid falou que os militares estavam de férias, no início de janeiro”, afirmou.

O ex-presidente disse, também, que não é crime “discutir hipóteses de dispositivos constitucionais”, mas não esclareceu em que se basearia para adotá-los. Questionado por um jornalista se ele, de fato, debateu o assunto, evitou responder e ameaçou abandonar a entrevista se fosse novamente interrompido.

“Os comandantes jamais embarcariam numa aventura. Discutir, como disse meu então comandante do Exército (general Freire Gomes), hipóteses de dispositivo constitucional, não é crime”, justificou. “Daí inventam: ‘Ah, o Lula ia assinar GLO’. Se assinar, é problema dele, pô. Vai dar golpe com comandante do Lula? Se os meus estivessem mantidos, poderia até haver uma elucubração nesse sentido”, complementou.

Bolsonaro admitiu que deixou o país, no fim de 2022, para não passar a faixa presidencial a Lula. “Graças a Deus, eu saí daqui dia 30 de dezembro. Porque não queria passar faixa para um cara com passado como Lula tem. Não há crime nenhum em não passar a faixa. Não está escrito que é proibido (não) passar a faixa. Fui para os Estados Unidos”, explicou.

A denúncia da PGR considerou

Ed Alves CB/DA Press



A acusação é muito grave. E não é da boca para fora. (...) Golpe tem povo, mas tem tropa, tem armas e tem liderança. Um ano, dois anos de investigação, não descobriram quem, porventura, seria esse líder”



Os comandantes jamais embarcariam numa aventura. Discutir, como disse meu então comandante do Exército (general Freire Gomes), hipóteses de dispositivo constitucional, não é crime”



Se estivesse devendo qualquer coisa, não estaria aqui. Fui para os Estados Unidos, graças a Deus, porque se estivesse aqui, no 8 de Janeiro, estaria preso até hoje ou morto. Eu, preso, vou dar trabalho”

os ataques que o ex-presidente fez ao processo eleitoral como uma das fases da escalada na direção da ruptura institucional. Segundo Bolsonaro, o que ele pretendia era que o sistema deveria oferecer uma alternativa física ao registro eletrônico dos votos.

“Estava sozinho na defesa do voto impresso. Sou obrigado a confiar em um programador? Confio na máquina, mas não sou obrigado a acreditar em um programador”, disse, sugerindo que o processo eleitoral eletrônico não tem garantias suficientes de transparência.

Houve espaço, também, para defender a anistia aos vândalos do 8 de Janeiro e usou o caso de Débora Rodrigues dos Santos, condenada a 14 anos de prisão por pichar a estátua da Justiça com a expressão “Perdeu mané”. “Por que essas prisões absurdas? Por que 14 anos, 17 anos? Querem botar 30 (anos) em mim. Se estivesse devendo qualquer coisa, não estaria aqui. Fui para os Estados Unidos, graças a Deus, porque se estivesse aqui, no 8 de Janeiro, estaria preso até hoje ou morto, que eu sei que é o sonho de alguns aí. Eu, preso, vou dar trabalho”, ameaçou.

No início da noite, Bolsonaro voltou a falar com a imprensa e repetiu alguns dos argumentos que havia usado mais cedo. Dessa vez, não foi interrompido por um manifestante, que tocou a Marcha Fúnebre enquanto ele respondia às perguntas dos jornalistas — sorriu, brincou com a situação, mas demonstrou desconforto.

Porém, quando o manifestante começou a tocar a música “Tá na hora do Jair embora” — entoada por opositores nas eleições de 2022 —, o ex-presidente decidiu pôr fim à coletiva.